

DO TEATRO AO SURFE: COMPARABILIDADE E A TROCA DE OBJETOS DE ESTUDO NA ANTROPOLOGIA

João Pedro de Oliveira Medeiros

Doutorando em Antropologia na Universidade Federal Fluminense

<https://orcid.org/0000-0003-2389-3609>

joaopedromedeiros@id.uff.br

REVZAB
● ● ● ● ●

RESUMO

Neste trabalho são apresentadas questões pertinentes a comparabilidade e a troca de objetos de estudo em Antropologia. Começo por expor a natureza retórico-argumentativa do texto etnográfico, pontuo que as continuidades e similaridades entre objetos de estudo dependem menos de suas qualidades inerentes do que dos critérios estipulados e previsíveis aos problemas, questões e recortes de pesquisa. O debate a respeito da troca de objetos é iniciado a partir de um evento profissional marcante, a entrevista de admissão para o curso de doutorado do qual faço parte. Em seguida, apresento a etnografia desenvolvida para o mestrado e o projeto de pesquisa desenvolvido atualmente para o doutorado. Uma problemática comum é extraída desses trabalhos, sintetizada pelo conceito de "insuportabilidade da vida cotidiana/ordinária", e fornece os parâmetros pelos quais uma bibliografia é acionada para se discutir o problema da comparabilidade, a escrita antropológica e a troca de objetos de estudo.

Palavras-chaves: Etnografia; Comparabilidade; Troca de Objetos; Antropologia; Escrita Antropológica.

ABSTRACT

In this essay, questions about comparability and the exchange of objects of study in Anthropology are presented. I begin exposing the rhetorical-argumentative nature of the ethnographic text, pointing out the continuities and similarities between objects of study depend less on their inherent qualities than on the criteria stipulated and predictable to the problems, questions and research clippings. The discussion about the exchange of objects is initiated by a remarkable professional event, the admission interview for the doctoral course of which I am a part. Then, the ethnography developed for the master's degree and the research project for the doctorate, which is currently underway, are presented more closely. A common problematic is extracted from these works, synthesized by the concept of "unbearability of everyday/ordinary life", and provides the parameters that a bibliography is used to discuss the problem of comparability, anthropological writing and the exchange of objects of study.

Keywords: Ethnography; Comparability; Object Exchange; Anthropology; Anthropological Writing.

Introdução

Originalmente, partimos do pressuposto de que chegaremos ao 'objeto' por meio de uma função de comparação que, por assim dizer, nos fornece grupos imutáveis de imagens que, novamente, entre si têm em comum certos 'grupos de qualidade', por exemplo, a expansão. Após a investigação do mecanismo do nosso fluxo de memória, temos que perceber que esse caminho não leva ao objeto, ao espaço, ao tempo, enfim, a nada externo. Isso porque essas "qualidades" de extensão, de tempo, etc., entram, por assim dizer, automaticamente e sem a nossa ajuda em nossas imagens da memória. Elas estão contidas na imagem do nosso 'agora' [...]" (tradução minha).

Alfred Schutz, *Life Forms and Meaning Structure*¹.

Em escritos feitos na década de 1920, a propósito da função da memória na percepção da realidade, Alfred Schutz (2014) registrou o conteúdo do que se apresenta em epígrafe. A despeito das considerações fenomenológicas afeitas à filosofia bergsoniana, a passagem acima preserva qualidades heurísticas interessantes à discussão de algumas nuances da metodologia antropológica. Em linhas gerais, a noção de que não se chega ou se esgota a materialidade final de uma “coisa” ou “objeto” por suas características intrínsecas é, de algum modo, bastante difundida nas discussões mais recentes em Antropologia e nos demais saberes sociais e humanos.

Ainda a respeito da passagem, as categorias de “tempo”, “espaço” e todas as outras tidas como apriorísticas pela teoria do conhecimento adentram o fluxo perceptivo das experiências humanas. Não há saída a não ser o exercício exegetico. E foi este o caminho encontrado pela Etnografia contemporânea em seu ímpeto autorreflexivo. Sendo assim, os ‘grupos de qualidade’ com os quais antropólogos lidam, isto é, o conjunto de coisas ou objetos que se assemelham e conservam algum grau de uniformidade para o pesquisador são mais do que derivações de algo externo. É, mormente, resultado de perguntas, questões, problemas e recortes de pesquisa. Assim, as uniformidades e similaridades com as quais cientistas sociais se deparam são artificiais, conjunturais, interpretativas e, portanto, retóricas.

Abordo aqui questões concernentes a comparabilidade etnográfica e a troca de objetos de estudo em Antropologia. Dentre outras coisas, disserto sobre como as questões e problemas apresentados durante o meu processo de amestramento, atinentes ao teatro, foram cruciais para o desenvolvimento de um novo projeto de pesquisa, este mais robusto e pretensioso, sob a ótica de outro interesse objetal: o surfe.

122

Comparabilidade

Irremediavelmente, a comparação em Antropologia desemboca, dentre outros lugares, no problema da comparabilidade. Para ser preciso, desde os primórdios da institucionalização disciplinar, a questão se transmitiu sob feições mais ou menos ruidosas. Vale lembrar do que se convencionou por Difusionismo ou mesmo o Evolucionismo Cultural, “escolas” instituídas tendo como base a comparação.

A respeito do Evolucionismo e o emprego que esta corrente fazia da análise comparativa, Franz Boas (2016), o “pai” da antropologia cultural norte-americana, proferiu em 1896 em um encontro da *American Association for the Advancement of Science* (AAAS), o texto intitulado “As limitações do método comparativo da antropologia”. Tratava-se de uma clara investida contra os evolucionistas que, despidoradamente, banalizaram a aplicação do método entre unidades populacionais díspares. Os evolucionistas buscavam restituir uma suposta unilinearidade na evolução cultural humana.

Para Boas, a ocorrência de fenômenos culturais similares em populações ao redor do mundo não deveria ser atribuída a uma mesma causa primária ou não deveria corresponder a premissa de que a mente humana obedece às mesmas leis em todos os lugares.

Temos que exigir que as causas a partir das quais o fenômeno se desenvolveu sejam investigadas, e que as comparações se restrinjam àqueles fenômenos que se provem ser efeitos das mesmas causas. [...] Nas pesquisas sobre sociedades tribais, aquelas

que se desenvolveram por associação precisam ser tratadas separadamente das que se desenvolveram por desintegração. [...] Em suma, *antes de se tecerem comparações mais amplas, é preciso comprovar a comparabilidade do material* (Boas, 2016: 38, grifo meu).

Sem entrar no mérito de como o antropólogo teuto-americano traçou a comparabilidade no escopo de sua proposta por um método histórico, é notável que a comparação continuou a suscitar atenção de gerações posteriores de antropólogos. Décadas mais tarde do discurso de Boas, Evans-Pritchard (2005) dedicou algumas palavras ao tema. Segundo ele, em um dos apêndices de *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*, embora nem sempre seja possível, é desejável que os antropólogos estudem mais de uma sociedade. O autor explica que, com mais de um trabalho de campo em seu repertório, o antropólogo tende a abordar as sociedades subsequentes à luz das anteriores, sendo mais objetivo e aberto a caminhos antes não investidos.

Na ausência de uma segunda experiência de campo, Evans-Pritchard continua, é evidente e inevitável que as instituições e valores da sociedade estudada sejam postas em contraste com as do próprio pesquisador. Suas considerações, ainda que endereçadas ao fenômeno da comparação em Antropologia, guardam aspectos bastante interessantes a esta discussão. De maneira precoce para a sua época, Evans-Pritchard percebe que são as questões, recortes e problemas de pesquisa que, afinal de contas, guiam as análises. Algumas passagens demonstram a questão, destaco uma:

Na ciência, como na vida, só se acha o que se procura. *Não se pode ter as respostas quando não se sabe quais são as perguntas.* Por conseguinte, a primeira exigência para que se possa realizar uma pesquisa de campo é um treinamento rigoroso em teoria antropológica que dê as condições de saber o quê e como observar, e o que é teoricamente significativo. *E essencial percebermos que os fatos em si não têm significado.* Para que o possuam, devem ter certo grau de generalidade. É inútil partir para o campo às cegas. É preciso saber exatamente o que se quer saber [...] (Evans-Prichard, 2005: 243-244, grifo meu).

123

De que modo isso se relaciona com a questão da comparabilidade – ponto levantado inicialmente? Afinal, o que é a comparabilidade em Antropologia? Ela é certamente uma questão metodológica, mas sobretudo um problema epistemológico. Se em Boas (2016) a comparabilidade jazia na uniformidade dos processos históricos verificados entre fenômenos distintos, em Evans-Pritchard (2005) ela talvez possa se entrever nos princípios ponderáveis e nos pressupostos imponderáveis que guiam a pessoa do etnógrafo em toda a análise.

O que questões, recortes, problemas de pesquisa, treinamento etnográfico e filiações teóricas têm em comum? Toda essa parafernália científico-instrumental mais ou menos omitida durante a escrita está acoplada a fatores como trajetória individual, inclinações pessoais, gostos, lugares de pertença, dentre outras coisas, que emanam do texto/produto etnográfico. Sem elas, os antropólogos iriam a campo sem saber o que observar e nem como fazê-lo. Aí reside a comparabilidade, no berço dos princípios artificiais e parâmetros arranjados de uma carreira pessoal.

Banca

Em minhas etnografias, sempre procurei levar a sério a máxima de que os antropólogos não estudam as aldeias, eles estudam *nas aldeias* (Geertz, 2017). Ainda que passível de ressalvas e problematizações, o jargão sintetiza uma mudança significativa na qual a

Antropologia passava na época em que Geertz refinava suas compreensões sobre cultura, texto e hermenêutica. A disciplina não poderia mais se definir pelo seu objeto – lia-se as “sociedades primitivas”, enclausuradas em aldeias e outras unidades pretensamente fechadas² –, mas por seus temas de interesse.

Não é possível deixar de mencionar uma ocorrência recente em que tive a felicidade de ser protagonista, ela ocorreu na segunda metade de 2023. A banca sob a qual estive submetido no processo de admissão para o curso de doutorado criou uma circunstância muito fértil à reflexão. É nesse curso onde desenvolvo atualmente uma pesquisa sobre o surfe realizado na cidade do Rio de Janeiro. Tal pesquisa está em fase inicial de desenvolvimento.

Lembro-me, na ocasião da entrevista (última etapa da seleção), de que um dos três docentes se demonstrou um tanto preocupado com a “descontinuidade” entre as minhas pesquisas de mestrado e doutorado. O professor se referia a minha dissertação de mestrado, cujo título é *“É onde eu posso ser eu mesmo”: uma etnografia sobre o fazer teatro* (Medeiros, 2023), àquela altura recém defendida, e o meu mais novo projeto de pesquisa intitulado *A tensão esportivo-romântica do surfe: uma etnografia de dois picos cariocas*, que pode ser acessado a partir de um dos seus produtos mais recentes em Medeiros (2025). Ele notara a “súbita” mudança e se inquietara. Na melhor de suas intenções, a banca tentava blindar o PPG de qualquer aventura academicamente infundada.

Sabia que a intervenção feita à mudança de *locus* era bastante possível e razoável diante do histórico continuísta de pesquisas chanceladas pelo programa. De um modo geral, pode-se dizer um tanto imprecisamente que as carreiras acadêmicas dos antropólogos tendem a seguir uma linha de continuidade, incluindo a permanência nas mesmas *aldeias* por longos períodos de tempo – investimento louvável, diga-se de passagem.

Em minha réplica às objeções do docente, argumentei que, ainda que estivesse lidando com objetos de pesquisa distintos – primeiro, o teatro e, depois, o surfe –, havia um ponto em que todas as minhas empreitadas acadêmicas convergiam. Em minhas etnografias, sempre me deparei com noções de Indivíduo, Pessoa e Sujeito que me levaram e continuam a me levar à problematização antropológica dos distintos modos de existência. Desde então, ao longo dos últimos anos, o ponto de convergência reflexivo tem sido basicamente o mesmo: a construção social da pessoa nativa.

Teatro

Dedico-me agora às minhas trocas de objeto analítico e de que maneira elas conservam uma mesma problemática. Abordo as pesquisas de mestrado e de doutorado para, depois, entrar no mérito de uma discussão sobre comparabilidade e troca de objetos.

Em 2021, ano de meu ingresso na pós-graduação, iniciei uma pesquisa entre estudantes de uma escola de teatro amador no município de Niterói (Rio de Janeiro), que durou até janeiro de 2022. O pano de fundo englobante de todo o trabalho foi a pandemia da Covid-19. Ainda que suas implicações extrapolassem os limites do estudo, sua existência – atenuada em alguns momentos e violenta em outros – interferiu extensamente na presença (física ou virtual) em campo. *In situ*, foram experimentadas as nuances relacionadas ao ensino remoto em teatro; o uso de máscara de proteção nas expressivas e exaustivas sessões de aula; os receios relacionados ao contágio, mas o desejo de interação e circulação etc.

Por que a pandemia foi tão importante do ponto de vista da organização da pesquisa?

Toda a dinâmica interna do grupo pesquisado foi afetada e dinamizada de uma outra maneira pelo evento. Para além de suas incalculáveis repercussões a curto, médio e longo prazo para a história da humanidade, a pandemia serviu de catalisador e difusor do teatro amador como uma possibilidade de “melhora” ao bem-estar geral de indivíduos comuns. Talvez, tal qual os exercícios funcionais, a yoga e a feitura de pães artesanais – “modas” que se difundiram no período de reclusão –, o teatro entrou, muito oportunamente, no rol de atividades, hábitos e práticas que se flexionaram à “saúde mental” ou a quaisquer outras insígnias do cuidado consigo.

À época, a hipótese encontrava respaldo no quadro de perspectivas nativas. Havia projetos adversos aos da carreira de ator/atriz com a realização daquela formação. Além dos aspirantes a uma carreira profissional, haviam cursantes que estavam ali para ampliarem os seus círculos de convívio e se verem engajados em alguma atividade alheia a vida laboral. Estes se caracterizavam por serem uma minoria de adultos economicamente estáveis que enxergavam na realização do teatro uma atividade lúdica. Ela se interpunha a cotidianidade e, mais especificamente, a rotina de trabalho. Em outra ocasião me detive a esse grupo e as diferentes formulações do que, para eles, significava “fazer teatro” (Medeiros, 2023).

De maneira muito resumida, o contato com o curso parecia servir para eles como uma fonte inesgotável e polivalente de atributos que incidiam positivamente em suas vidas. Tanto na potencial resolução de problemas relacionados à timidez, ampliação do círculo social, quanto no “*descobrimento de outras formas de ser e estar no mundo*”, a quinta arte vicejava como um símbolo que irradiava à totalidade dos indivíduos.

125 Surfe

Os fios que se distenderam das formulações apresentadas se espargiram e me levaram a novas zonas de apreciação. Subculturas e modos de vida hedonistas me capturaram e exigiram mais do que a minha atenção, meu “faro etnográfico”.

Recordo-me de caminhar na praia no início de 2023 quando maliciei pela primeira vez o surfe como algo mais do que uma prática esportiva e aquática. No mar, surfistas remavam mar adentro enquanto que, na areia, uma escolinha de surfe servia de ponto de encontro. Jaziam ali pranchas de distintas cores e tamanhos. De braços cruzados e rosto franzido para o horizonte havia um homem com cerca de quarenta anos, era um sujeito queimado de sol e cabelo parafinado nas pontas, parecia ser o instrutor. Alteridade *at home*, por assim dizer. O evento foi seguido de um estranhamento antropológico.

O crescer de visões de mundo, estilos e formas de vida alternativas aos do pesquisador são, para ele, um apanágio ao interesse etnográfico. A complexidade da vida em sociedade o instiga por suas tonalidades e formas. Naquela tarde de calor na praia, imagens corriqueiras se gravaram em mim justo às vésperas da escrita da dissertação e perduraram até hoje de modo que fui levado a programar outro campo de pesquisa para o doutorado.

Como lembra Marilyn Strathern (1991: 54, tradução minha)³ em *Partial Connections*, “As continuidades que tenho em mente são menos uma questão de semelhanças abstratas do que de proximidades”. As pontes e conexões desencadeadas entre objetos e coisas se devem menos as suas características imanentes do que a maneira pela qual se organizam e são dispostas dentro de relações, envolvimento em que a pessoa do pesquisador é partícipe. As continuidades e rupturas são intrínsecas as trajetórias pessoais e coletivas.

Desse modo, os percursos acadêmico-profissionais não podem ser vistos como unidirecionais e, portanto, a delimitação das agendas de pesquisa compreende aspectos tanto racionais quanto emocionais. Assim como nas escolhas de objeto e local de pesquisa, o empreendimento etnográfico busca satisfazer um conjunto de critérios mais ou menos subjetivos, tais como: proximidade, praticidade, atração, alteridade e interesse (Rojo, 2015). É possível dizer, com isso, que imprevisibilidade e a qualidade daquilo que é inefável tabulam nas escolhas e caminhos que se apresentam ao pesquisador de campo.

Ou seja, a característica daquilo que não se sabe, não é exprimível e não pode ser expressado em fórmulas deve ser pontuado como condizente a qualquer investimento etnográfico. Conspirar, ter a impressão e intuir são apenas uma pequena parte do rol de ações que compreendem o agir às cegas. Esse elemento que cintila e orbita ao redor do que é emocional e do que é racional, mas que não pode ser qualificado, é a totalidade de uma trajetória em seu fluxo permanente, na duração de seus processos e movimentos.

Assim fui ao surfe e aos surfistas, desorientado e à escuta do “zumbido jamesiano”, como chamou Geertz (2012) as primeiras impressões tidas em campo. Há mais um elemento crucial que se tabulou junto a mudança do *locus* da pesquisa. Há um grande saldo de natureza reflexiva e generalizante que pode ser creditado a minha experiência no campo da prática do teatro, ele perdura hoje no meu olhar aos surfistas e pode ser encarado enquanto uma apercepção sociológica, no sentido dummontiano.

Os sujeitos na contemporaneidade urgem pela melhora de seus bem-estares e de seus quadros psíquicos, sobretudo os membros daquilo que se convencionou a chamar, a partir da antropologia urbana, de “classes médias psicologizadas”. Acredito que o teatro tenha me levado a olhar para a contemporaneidade do ponto de vista daquilo que se constitui como as “buscas”, “vontades” ou “desejos” existenciais dos sujeitos de que nela habitam.

Em um campo tão poroso e afeito as pulsões românticas que caracterizam as produções midiáticas, culturais e esportivas, o surfe parece se afeiçoar a muitas facetas do que se apresenta enquanto uma configuração de existência marginal, alternativa ou virtual. O que é o ato sublime de surfar? Teatro e surfe ganham uma rota de intervenção conjunta.

De alguns modos, senti-me inclinado a rascunhar outrora o conceito de “insuportabilidade da vida cotidiana”. Ou, até “insuportabilidade da vida ordinária”, pois trazia a dubiedade do ordinário e expressava essa espécie de *malheur* permanente. A vida laboral, familiar, em comunidade não supre a incompletude permanente do sujeito citadino. Ele é instado, cada vez mais, aos valores da “verdade sobre si”; da felicidade permanente; de “estar bem consigo mesmo”. Ou seja, ele é movido sempre para novos estímulos de retotalização.

O domínio da interioridade nos dias de hoje é, portanto, constituído pela “ânsia” (Campbell, 2001) ou “falta”. Falta constituinte. Instado a sua verdade, o sujeito encontra uma certa coincidência entre interioridade e a realidade. E é no plano de sua vida rotineira, laboral e urbana, que visualiza aquilo que lhe padece. Nesses moldes, viver implica na tentativa de conciliação individual da tríade agostiniana da verdade/interioridade/vontade (Duarte e Giumbelli, 1994).

A “insuportabilidade da vida cotidiana” compreende, enfim, o complexo movimento do qual tenho notado com base no direcionamento dos sujeitos a atividades e práticas que, quando não prometem abertamente, ambicionam preencher aquilo que lhes é faltante ou escasso. No mais das vezes, essas atividades, práticas, exercícios, comunidades, usos e

grupos se apresentam como espaços de “fuga”, “escape”, “potência”, “revitalização” e “recomposição”.

É neste ponto que o surfe adentrou o escopo de meus interesses reflexivos. Desde a sua popularização internacional nos anos de 1960, a prática esteve associada a um estilo de vida jovem e hedonista, com forte acento a celebração do prazer e avesso a ética do trabalho. No Rio de Janeiro, especificamente, o surgimento do surfe e a consolidação de outros esportes da natureza coincide com o extenso processo de “redescoberta da natureza”, responsável por reconfigurações significativas da malha urbana. À época, se multiplicavam na região metropolitana iniciativas que intentavam conciliar a natureza à cidade, tal qual o Plano Lúcio Costa coetâneo a ocupação urbana da Barra da Tijuca (Dias, 2008).

Em consonância com a popularização de outros hábitos e comportamentos, uma fração da sociedade carioca tomou conhecimento do modismo da alimentação orgânica; dos estilos de vida espontâneos; da jardinagem e do aparecimento de costumes de lazer e férias na natureza, como em hotéis-fazenda e regiões litorâneas, com a realização de trilhas e do camping; além do aparecimento dos esportes na natureza. Fugir da cidade e de seu ambiente sujo, poluído e decadente, mesmo que temporariamente, forjou a tônica do fenômeno social de busca pela natureza e bem-estar. (Dias, 2008).

A vista disso, a problemática da pesquisa em curso é alcançada: que visões de mundo, modos de consumo, participações políticas, concepções de meio-ambiente, ecologia e modos de habitar a cidade estão sendo gestados pelo surfe em suas diferentes concepções (esporte, lazer, hobby, “filosofia de vida” etc)? Confia-se, portanto, ao surfista e a coletividade que o envolve o cerne da investigação que se almeja. Seguindo os seus passos, suas aspirações e projetos, se intenta não somente a realização de uma análise sensível a experiência e a *práxis*, mas também um diagnóstico específico da contemporaneidade, sob o ponto de vista de um grupo relevante a sociedade brasileira.

Na atual pesquisa, o campo empírico foi delimitado e o trabalho de campo tem se desenvolvido nas praias da Zona Oeste carioca. A análise se encontra em fase exploratória, levantamentos e interpretações primárias estão sendo feitos. Há também o desejo de se realizar o trabalho de campo etnográfico na praia do Arpoador, situada no bairro de Ipanema, um dos berços do surfe na cidade. Ali, são encontradas inúmeras escolinhas de surfe e é um dos “picos”⁴ mais frequentados do Rio de Janeiro.

Considerações finais: a escrita etnográfica, a troca de objetos de estudo e a comparabilidade

Em texto já citado, Marilyn Strathern (1991) teceu comentários bastante proveitosos em menção a um debate sobre a produção de conhecimento na Antropologia. Segundo ela, as preocupações de escrita da antropologia pós-moderna alteraram o paradigma do realismo enquanto gênero narrativo, mas não foi capaz de lidar com realismo epistêmico. Para Strathern, a disciplina continua a tratar de diferenças “reais”, ainda que se saiba que a escrita etnográfica compõe um tipo de conhecimento que transborda ao “empírico”.

De acordo com a antropóloga britânica, o conhecimento etnográfico é necessariamente “fora do tempo” (Ibid: 48). Assim, antes de se tornar texto, isto é, matéria estabilizada, a experiência do trabalho de campo pode ser considerada memória. Ao meu ver, mais do que fora do tempo, a descrição antropológica é sobre o “agora”. Pois, é somente na recordação de

um “antes” que me torno apto a notar e me apossar de um “agora” qualitativamente diferente (Schutz, 2014: 34). É a esse jogo de luzes entre o fluxo da duração e a percepção materializante que Schutz chama atenção quando diz:

Eu ‘fiz presente’ o Agora imediatamente seguinte apenas por deixá-lo tornar-se rígido, através da fixação por decreto como o Agora que apenas era, como um qualitativamente diferente do outro. Intencionalmente interrompendo o fluxo eterno, formei uma imagem da minha ‘condição’ interior a partir do Agora, que está apenas se formando, e do Agora que acabou de ser (Ibid, tradução minha)⁵.

Estabelecido o “agora” enquanto a percepção qualitativa da mudança contínua, o que isto ressoa para o que se almeja este texto? A Etnografia está no centro da resposta. Ela é menos sobre o “presente etnográfico”, matéria sobre a qual a antropologia pós-moderna já se debruçou, do que o “momento presente da escrita”. Ainda que se recorra a registros, memórias e imagens do já se passou, a descrição etnográfica sempre foi e sempre será feita no agora.

Em vias de concluir, volto aos problemas que fagulharam este texto: a comparabilidade e a troca de objetos. Guiando-me por minhas próprias experiências pessoais enquanto noviço na Antropologia e pondo em perspectiva as pesquisas de metrado e doutorado, procurei reforçar a condição *sine qua non* do antropólogo como produtor de um conhecimento situado. Mais do que isso, ele é o vetor que torna inteligível e justificável procedimentos comparativos entre objetos de estudo distintos.

Quando em campo, as matérias-primas de toda a experiência etnográfica são interpretações. Logo, o desencadear entre objetos de pesquisa e o tipo de perspectiva que se projeta sobre eles reflete a ideia de que a unidade daquilo que se apreende – no caso da Etnografia, o interlocutor A, B ou C – fornece a silhueta de imagens pré-determinadas por minha própria memória (Schutz, 2014). O que isso significa? Significa que sou “eu” – um eu etnográfico, por assim dizer – quem fornece os parâmetros daquilo que é comparável e não as características ou propriedades internas ao objeto.

No meu caso, significa que questões lindeiras a construção social do aluno de teatro ressoam e apresentam traços com elementos que surgem de uma primeira abordagem ao surfe. A troca de objetos de estudo realizada por mim responde a diferentes fatores, dentre os quais o acaso, o rigor da teoria antropológica e a intenção à comparabilidade. Este último deve ser compreendido menos como uma iniciativa que traça conexões entre minhas agendas de pesquisa do que o esforço em esboçar uma semelhança entre fenômenos mal ou não compreendidos. É, genuinamente, uma fórmula “fantástica”:

Fazer uma comparação, ou fazer uma analogia, não é necessariamente imputar conexão: pode indicar uma semelhança, em vez de uma relação, e a semelhança pode ser fantástica, em vez de real, “mágica” [...]. No entanto, o próprio ato de comparar também constitui um fazer de conexões, e evoca uma relação metafórica. Michael Jackson (1987:21) observa: “O fato de as coisas serem usadas com base em semelhanças mágicas não impede que tenham valor intelectual e terapêutico”. Por outro lado, usar as similitudes dá às coisas um valor: comparação intelectual, terapêutica – cria sua multiplicidade (Strathern, 1991: 51, tradução minha)⁶.

O fio condutor de minha trajetória parece estar afeita a “fantasia” da pessoa humana, vetor de outra “fantasia”, a cultura, e pedra de toque antropológica. Meus objetos de estudo, aparentemente desconexos e isolados – o teatro e o surfe –, guardam em si as modalidades emergentes em que a pessoa ocidental, mais propriamente o sujeito cidadão, se expressa.

Tematicamente orientado à pessoa/sujeito/indivíduo, meus anseios analíticos estiveram e estão comprometidos com o seu desvelamento ou, mais corretamente, o entendimento acerca dos seus modos de constituição (subjetivação) na contemporaneidade. Por isso a formalização conceitual da “insuportabilidade da vida cotidiana/ordinária”.

É notória a centralidade que tais inquietações exercem na conformação de minha postura diante da academia e de meus anseios reflexivos. Elas proporcionam uma linha norteadora que estabiliza e direciona o caminho de minha formação sempre com o vigor de se proceder sobre o desconhecido e o estranho. Pois, como escreveu Schutz (2014: 32), pensar é especializar o fluxo das alterações contínuas e revertê-las em conceitos.

Notas

¹ “Originally, we assumed that we will arrive at the 'object' through a comparing function which, so to speak, provides us with unchanging groups of images which, again, among themselves have in common certain 'quality groups,' for instance, expansion. After the investigation of the mechanism of our flow of memory, we have to realize that this path does not lead to the object, to space, to time, in short, to anything external. This is so because these 'qualities' of extension, of time, etc., enter so to speak automatically and without our help into our memory images. They are contained in the image of our 'Now' and 'Thus,' but just as qualities, as virtual [...]” (Schutz, 2014: 39-40).

129

² Na década 1960, Lévi-Strauss chamou atenção para o risco de a Antropologia se tornar uma ciência sem objeto, dado o desaparecimento físico das chamadas populações nativas, sociedades “outras” historicamente estudadas (Peirano, 2006: 40).

³ “The continuities I have in mind are less a question of abstract similarities than of proximities” (Strathern, 1991: 54).

⁴ Segundo Cythia Albuquerque (2006: 10), o pico é o lugar onde as ondas propícias a prática do surfe quebram, mas também é o ponto social e simbólico que os surfistas empregam na sua apropriação do território terra-mar.

⁵ “I have 'made present' the immediately following Now only through letting it become rigid, through fixation by fiat as the Now which just was, as one qualitatively different from the other. Intentionally disrupting the eternal stream, I formed an image of my Inner 'condition' out of the Now, which is just forming itself, and the Now which just had been” (Schutz, 2014: 34).

⁶ “To draw a comparison, or make an analogy, is not necessarily to impute connection: it may indicate a resemblance, rather than a relation, and the resemblance may be fantastic, rather than real, 'magical'. Yet the very act of comparing also constitutes a making of connections, and evokes a metaphorical relationship. Michael Jackson (1987: 21) notes: " [T]he fact that things are used on the basis of magical similitudes does not preclude their having intellectual and therapeutic value." Conversely, using the similitudes gives things a value: comparison

intellectual, therapeutic - creates their multiplicity”.

Referências

Albuquerque, Cynthia S. *Nas Ondas do Surfe: Estilo de vida, territorialização e experimentação juvenil no espaço urbano*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza. 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/1145>.

Boas, Franz. “As limitações do método comparativo da antropologia”. In: CASTRO, Celso (ed.). *Textos básicos de antropologia: cem anos de tradição*: Boas, Malinowski, Lévi-Strauss e outros. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. p. 33-43.

Camobell, Colin. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

Dias, Cleber. *Urbanidades da natureza: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

Duarte, Luiz F. D. e Giumbelli, Emerson. "As concepções cristã e moderna da Pessoa: paradoxos de uma continuidade". *Anuário Antropológico*. v. 18 (1). 77-111, 1994. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6553>. Acesso em: 23 jun. 2024.

Evans-Pritchard. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

Geertz, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC. 2017.

Geertz, Clifford. *Atrás dos fatos: dois países, quatro décadas, um antropólogo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

Medeiros, João P. “É onde eu posso ser eu mesmo”: *Uma etnografia sobre o fazer teatro*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2023.

Medeiros, João P. Fernando Aguerre e o surfe olímpico: uma abordagem antropológica. *Ambivalências*. V. 13, n.25, p. 169-187, 2025.

Peirano, Mariza. *A teoria vivida: e outros ensaios de antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

Rojo, Luiz Fernando. “Caminhando através de trilhas fechadas: reflexão sobre objetos nunca ou quase nunca estudados na Antropologia brasileira”. *Análise Social*. Portugal. L (4), 2015. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/analisesocial/article/view/23125>. Acesso em: 23 jun. 2024. <https://doi.org/10.31447/AS00032573.2015217.05>.

Schutz, Alfred. *Life Forms and Meaning Structure*. Londres e Nova Iorque: Routledge. 2014.

Strathern, Marilyn. *Partial Connections*. Lanham: AltaMira Press, 1991.

